



**Darlene Taukane, que concluiu sua tese de mestrado  
semana passada na UFMT, diz que pretende sair da Funai,  
mas não abandonará o movimento indígena**



*Darlene Taukane:  
indignação com o  
desprezo pelas minorias  
no Brasil*



*Com a filha Carolina,  
9 anos, que só fala  
português*

PATÚ ANTUNES

Da Editoria

**A**os 35 anos, Darlene Yaminalo Taukane é a primeira índia a fazer mestrado no Brasil. Sema na passada, ela defendeu sua tese - "Educação escolar entre os kura-bakairi" - na UFMT e recebeu a nota máxima: 10,0 com distinção e louvor. Morando há 18 anos entre os brancos, Darlene é um dos poucos índios de sua aldeia - a Pakuera, em Paranatinga (a 328 quilômetros de Cuiabá) - que arriscaram a vida numa cidade grande. Arriscou e deu certo.

Hoje, Darlene é uma mulher híbrida. Conserva a cultura bakairi no seu dia a dia e mantém estreitíssimas relações com sua nação, mas tem o universo do branco sob seu domínio. O marido, Luiz Antônio, é branco e é o que há de mais próximo nesse mundo, enquanto a sobrinha Josiane, recém-chegada da Pakuera, é o elo com seu passado. A filha Carolina tem a cara da mãe, mas a língua que domina é a do pai. Os natais são alternados. Ano sim, ano não, a família vai festejar junto à aldeia, onde ainda moram os pais e irmãos de Darlene. Apesar de não morar mais na Pakuera há quase duas décadas, ela garante que não é alvo de ressentimentos na tribo. "Eles têm esse respeito por mim e não me discriminam por eu viver na sociedade branca. Mas eu também não me isolo. Estou em quase tudo que envolve o movimento indígena". E está mesmo. Nos manifestos e tudo o mais que for pacífico, sempre tem o dedinho dela. Quem conhece o modo de pensar do branco é "privilegiado" com tarefas como redigir documentos e acompanhar processos. Darlene é um destes "privilegiados" que conhece os dois lados. É isto que a torna capaz de tecer críticas e cada vez mais ser passível de inconformismo. Ano passado, por exemplo, durante a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), na UFMT, Darlene ajudou a elaborar e leu o manifesto assinado por líderes de vários povos exigindo acesso facilitado de índios à universidade. Manifesto entregue e até hoje, nada. "Fico indignada com esse descaso. A gente sabe que as minorias, não só indígenas, mas étnicas são tratadas com desprezo. Se a gente quiser reconhecimento, tem que batalhar". Muito, e mais do que um branco teria na mesma situação, ela admite. A próxima de Darlene pela

"causa" será o IIº Congresso de Professores Indígenas de Mato Grosso, que acontecerá ano que vem, em Cuiabá. O congresso terá como convidados, pessoas já envolvidas com a educação indígena, mas de uma forma mais avançada, a exemplo do que acontece no Amazonas. Um dos tópicos dessa reunião é a infundável luta pelo acesso direto do índio ao ensino superior. Dessa ela ainda não descansou.

A passagem da adolescência para a vida adulta não é fácil, nem para o mais tranquilo dos brancos. Imagine para um índio, do meio do mato, com condições financeiras dignas de um malabarista e, pior de tudo, advindo de uma cultura totalmente diferente. O processo todo é tão penoso que dos 33 jovens bakairis, da aldeia Pakuera, que vieram este ano para cá, quase todos desistiram da jornada. Morando definitivamente entre os brancos e com família estruturada, estão Darlene e outros quatro companheiros. E só.

Desistir também já foi para a "mestra" um pensamento constante. Mais ainda quando saiu da aldeia, em 1979, aos 17 anos, foi para um internato perto de Rondonópolis. "No começo foi muito difícil. Achava que não ia dar conta. Pensava 'o que é que eu estou fazendo aqui?'. Em 85, começou a trabalhar na Funai em Cuiabá. Lá conheceu a competitividade num ambiente profissional e sentiu, finalmente, o que significavam os tais "papéis femininos". Em 89, começou o curso de Letras, na Unic, e ali se deparou com seu maior obstáculo numa língua que acreditava ser um problema superado: Machado de Assis. "Eu lia e ficava imaginava o que que ele queria dizer com aquilo. Levei três meses para conseguir fazer aquele trabalho".

Ser mulher na sua aldeia era uma questão mais do que assimilada. Ninguém tinha dúvidas quanto ao seu papel. Na sociedade branca não é assim. "Sofri muito com a competitividade no trabalho. Era muito chato. Além disso, não pude ficar muito tempo com minha filha. Nem a amamentei direito. Isso doía em mim. Já nos estudos, foi muito bom o ambiente competitivo. Ajudou a me fortalecer, a ir à luta, a fazer o melhor possível". Além da miséria, fome e abandono de crianças, outra questão incompreensível para Darlene era - e ainda é - o assédio sexual a que as mulheres estão expostas no trabalho. "Fazia de conta que não percebia, que não era comigo. Mas ficava

constrangida com aquela coisa grosseira".

Entre os planos de Darlene estão a volta ao trabalho de assistente administrativo na Funai, do qual ela esteve longe por causa do mestrado, e trabalhar diretamente nas aldeias através do projeto Tukun, que visa formar professores indígenas. Em janeiro, ela irá a Paranatinga dar aulas de língua portuguesa para estes professores. Disposta a transpor mais barreiras, ela agora vai investir em sua educação universal, começando a estudar espanhol e inglês. "Quero ter a oportunidade de fazer outras leituras, outras conquistas. Vou estudar esse programa de demissão voluntária do governo, mas não vou deixar de trabalhar com os índios nunca".



32 (cont.)

14